Ano III — Lisboa, 1 de Abril de 1947 — N.º 24

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO

NÚMERO AVULSO 1$00

Assinaturas { Anual ..... 12$00 / De 8 números 8$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

Propriedade do Grupo N.º 94 dos Escoteiros de Portugal

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

JOÃO DE DEUS

Passou em 8 de Março p. p. o 117.º aniversário do nascimento de João de Deus, grande poeta e pedagogo.

João de Deus Ramos (seu nome oficial), algarvio de nascimento pois nasceu em S. Bartolomeu de Messines, concelho de Silves, foi um grande poeta sentimentalista; toda a sua obra poética tem um cunho encantador de sinceridade, de amor e de naturalidade, raríssimas vezes atingido. João de Deus sentia bem as angústias, as dores e as alegrias dos seus concidadãos.



JOÃO DE DEUS

E se é verdade que no mundo literário vincou bem a sua passagem, deixando-nos poesias que são uma verdadeira obra prima, há uma outra sua obra de não menos valia e que bem justamente foi classificada nacional: a «Cartilha Maternal».

Falar da «Cartilha Maternal» é obra bem difícil para um leigo em assuntos de instrução, no entanto direi que muitas centenas de milhar de portugueses saíram das trevas de ignorância mercê desse livro maravilhoso. É que João de Deus ao oferecer aos seus concidadãos a sua obra de amor e carinho pelas criancinhas, fez publicar o respectivo método de ensino de leitura, que transmitido aos professores lhes facilitou enormemente a sua árdua e bem espinhosa missão de desbravar os cérebros incultos.

João de Deus teve a felicidade de escolher para esposa uma senhora das mais altas virtudes e que foi uma das suas maiores colaboradoras da santa obra de ataque ao analfabetismo.

Essa veneranda senhora, D. Guilhermina Batáglia Ramos, ainda viva para glória de Portugal, depois do falecimento de seu esposo, ofereceu-se voluntária e expontâneamente para ensinar o método de seu marido a todos os que o quisessem conhecer, e o diploma de professores de ensino de leitura pelo método de João de Deus foi, por essa senhora, entregue a muitas centenas de professores de ambos os sexos e de todas as idades que entusiasmados pela simplicidade do método de ensino e sugestionados pelas palavras de incitamento da sua dedicadíssima mestra, foram os maiores propagandistas da formidável Obra de João de Deus, e ao mesmo tempo os grandes pioneiros da patriótica campanha contra o analfabetismo.

23 DE ABRIL

Dia do Escoteiro

A propósito do Dia do Escoteiro vamos mais uma vez meditar no simbolismo magnífico da Lenda de S. Jorge e ratificar o desejo de prosseguir na santa cruzada da luta contra o Mal em defesa da Virtude.

Devemos, porém, notar que o Mal nem sempre se nos apresenta com o aspecto dum medonho Dragão, rugindo ameaças. Frequentemente ele toma aspectos sedutores, proporcionando-nos mesmo prazeres efémeros, para depois nos subjugar, escravizar e até destruir. O Mal surge por vezes bastante simpático, confunde-se connosco, chega a falar a nossa própria linguagem, para mais fàcilmente nos seduzir.

Cuidado, escoteiros! Sempre prontos a combater o Dragão ainda que ele nos surja disfarçado. A guerra do Bem contra o Mal é uma guerra total. O inimigo usa de todas as astúcias para nos vencer. Estejamos atentos, cerrando fileiras em volta da Virtude.

O "JAMBOREE„ DE 1947

Um exclusivo para «Sempre Pronto»
Serviço especial «Extinfor»

Por VAN EFFENTERRE
Comissário Geral do «Jamboree»

O escotismo é um dos raros movimentos que possui efectivamente carácter internacional e que se apoia numa organização mundial. Mas a comum origem e a identidade característica dos métodos em todo o mundo não impedem cada uma das Associações nacionais escotistas de ter a sua originalidade e de apresentar aspectos muito seus. Na unidade do escotismo mundial há, de facto, uma grande diversidade.

A Federação do Escotismo francês agrupa seis associações de que cada uma tem a sua razão de ser.

O «Jamboree» é uma manifestação internacional, de que a França foi encarregada para o ano de 1947. Os «Jamborees» efectuam-se de quatro em quatro anos. A palavra, segundo uns, é de origem indiana, de origem zulu, segundo outros. A verdade é que se tornou vocábulo internacional. Nos Estados Unidos, fala-se de «Jamboree» cada vez que se trata duma vasta concentração.

O «Jamboree» é organizado em nome do Conselho Internacional do Escotismo, conselho que agrupa os países aderentes ao movimento esco-

(Continuação da 2.ª página)

João de Deus, um grande exemplo de amor pelos humildes, chegou a ver a consagração da sua Obra. Em 8 de Março de 1895, dia em que completou 60 anos, foi alvo de uma das mais apoteóticas manifestações promovidas pela juventude das escolas. Dizem os jornais desse tempo que nunca se vira em Lisboa uma apoteose tão majestosa como essa. No dia seguinte realizou-se no Teatro de D. Maria (hoje Nacional) um sarau de honra do ilustre Professor, então já proclamado Sócio de Honra da Academia Real das Ciências e do Instituto de Coimbra. A esse sarau assistiu o Rei D. Carlos que entusiàsticamente se associou à homenagem prestada a tão ilustre Português. João de Deus saiu da sala do D. Maria por sobre capas dos estudantes, e foi levado a sua casa num trem a que eles desatrelaram os cavalos e puxaram por cordas durante todo o trajecto, entre delirantes aclamações populares.

João de Deus pouco mais tempo viveu, pois morreu a 11 de Janeiro de 1896, sendo os seus restos mortais transportados, para o Panteão dos Jerónimos. Os funerais deste grande Português podem classificar-se de apoteóticos.

A Obra de João de Deus, sempre recordada com gratidão pelos portugueses, foi este ano condignamente homenageada. De entre todas as homenagens permito-me destacar a promovida pelos antigos alunos da benemérita Sociedade «A Voz do Operário», que teve o condão de emocionar todos os bons portugueses. Nessa homenagem foi recordado com saudade o glorioso Professor, e aclamados vibrantemente não só a veneranda senhora D. Guilhermina Batáglia Ramos, como o Dr. João de Deus Ramos, filho de João de Deus e dedicadíssimo continuador da Obra de seu Pai.

Sinto-me bem à vontade falando de João de Deus no nosso querido «*Sempre Pronto*», jornal de Escoteiros, e esse grande à vontade leva-me à ousadia de lembrar que na série de conferências promovidas pelo «*Sempre Pronto*» seja incluída uma sobre a Obra de João de Deus, que será mais uma modesta homenagem à memória de um Homem a quem o Povo muito ficou devendo.

Queluz, Março de 1947.

ANTÓNIO GOMES ROCHA

N. R. — A gravura que ilustra este artigo foi-nos cedida gentilmente pelo nosso colega «Ecos de Belém».

O «SEMPRE PRONTO»

VENDE-SE EM LISBOA

Na Tabacaria do Café Suiço, R. Primeiro de Dezembro.
Na Tabacaria Boa-Hora, R. Nova do Almada, 64.
Na Bolsa Cultural, Largo do Calvário, 25 e 26.

O «JAMBOREE» DE 1947

(Continuação da 1.ª página)

tista. De quatro em quatro anos, escolhe-se um país que tem a missão, a responsabilidade material e moral de organizar o «Jamboree».

No Conselho Internacional, a candidatura da França foi apresentada em 1937. Os outros países da Europa ocidental e central: Inglaterra, Dinamarca, Holanda e Hungria haviam sido encarregados dos acampamentos anteriores. O «Jamboree» devia ter-se reunido em 1941: foi adiado em virtude das hostilidades, e assentou-se finalmente na data de 9 a 18 de Agosto de 1947.

Os estrangeiros que aceitaram o convite da França não o fizeram sem dificuldades: os franceses tiveram que lutar, com o apoio do Conselho Internacional, para vencer as últimas resistências: uns diziam que a paz ainda não estaria firmemente assente em 1947 para se poderem deslocar grandes quantidades de crianças através dos mares; outros argumentavam: «A França não está apta organizar uma concentração desta ordem: não dispõe de abastecimento nem de transportes suficientes».

Mas os franceses insistiram no seu propósito, enviaram delegados aos países mais recalcitrantes e, a e pouco pouco, obtiveram o acordo de conjunto das nações interessadas.

Até à data, quarenta e três nações deram uma resposta favorável e enviarão delegações para o acampamento de Moisson, com a exclusão dos movimentos que se inspiram em qualquer ideologia política.

No quadro das delegações figuram quase todos os países com excepção dos países da Europa oriental, que têm actualmente uma organização estática da mocidade, e com excepção de países como a Espanha. A América do Sul, quase toda a América do Norte, as colónias e Domínios britânicos, todos os países da Europa ocidental, e na Europa oriental ou Médio Oriente, uma boa parte das nações abrangendo a ndia e a própria China (onde o escotismo se desenvolve extraordinàriamente) contribuirão para o «Jamboree».

O «Jamboree» é uma concentração de gente nova. Insistiu-se especialmente em que as crianças enviadas a esta reunião contem de 13 a 17 anos.

O problema, para a França, consiste em organizar o «Jamboree» no plano material e em dirigi-lo na altura em que todos os estrangeiros, e com eles as delegações francesas, estiveram presentes. O escotismo francês constituiu, para este fim, uma associação especial, a «Associação do Jamboree» cuja duração é limitada. O general Lafont, chefe de escotismo francês, é o seu presidente, e Châtelet, director geral honorário do Ministério da Educação Nacional, seu vice-presidente.

A «Associação do Jamboree» é uma emanação de todas as associações que agrupam o conjunto dos escoteiros franceses; não é uma organização confissional. Destina-se a receber num mesmo local alguns milhares de crianças: de facto, 20.000 estrangeiros e 10.000 franceses pelo menos. Acrescentando-lhes os serviços necessários, é uma cidade de mais de 40.000 habitantes, mais importante que Neuilly, que Boulogne, que será preciso criar num terreno descampado ou arborizado.

Os organizadores começaram por procurar o terreno. Encontraram-no na região pariense, o que era da maior vantagem por razões de economia e de tranportes. Não desejaram receber a rapaziada num acampamento militar; a solução era fácil, mas depois de 2 ou 3 anos de serviço os acampamentos estão actualmente um tanto desarranjados, e não gostariam que as pessoas que percorrem metade do globo para vir a França conservassem do país a recordação dum acampamento militar.

Numa das mais lindas paisagens da França, na floresta Moisson, a uma dezena de quilómetros a oeste de Mantes, no val de Sena, os organizadores encontraram uma extensão de terreno de 650 hectares—campos matas, charnecas, solo arenoso—absolutamente favorável à organização do «Jamboree», um terreno limitado pelo cotovelo do Sena e bem ligado a Paris pela melhor estrada da Île-de-France. É uma propriedade particular emprestada generosamente para esta concentração.

As obras, no terreno, já começaram: as estradas foram traçadas, ou melhor dito, as pistas, que serão alcatroadas para evitar a poeira. Abriram-se poços. Assentaram-se canalizações. Dentro em breve, surgirão os abarracamentos necessários aos serviços gerais do acampamento, dado que os campistas trazem as suas tendas. Trabalha-se, por outro lado, na estação de caminho de ferro de Rosny, onde terminarão os comboios que transportarão milhares de campistas e de visitas para o «Jamboree».

Os organizadores têm que prever não só um serviço de transportes para o pessoal e o abastecimento, mas também um serviço de saúde e uma organização de polícia para olhar pelas actividades do acampamento.

Durante esta manifestação escotista, publicar-se-á um jornal: o «Jam-

(Continua na 4.ª página)

A Conferência do Engenheiro José Maria Nobre dos Santos sobre «Escotismo — seu valor colectivo e individual»

Na sessão de propaganda escotista na Póvoa de Santa Iria o Sr. Engenheiro Nobre dos Santos usando da palavra começou por afirmar que aceitou a incumbência de falar naquela sessão, obedecendo a um imperativo de fidelidade ao escotismo. Continuando, fez a análise da situação actual do mundo, o estado caótico em que as nações se debatem, a miséria e a fome que grassam e disse:

«Mais uma vez meditei e quis procurar o motivo de tudo isto. Onde está a razão de tanto mal e sofrimento?

Há quem atribua este estado de coisas às instituições e preconize mudanças de regime pacificamente ou por meio de força. Há quem lhe atribua causas económicas e materiais. A meu ver, porém, a principal causa do mal reside no próprio homem, ou não seja ele o elemento constituitivo dessas instituições, que ele acusa, e elas próprios não sejam obra sua; más se as tiver feito más, boas se se tiver esforçado para tal conseguir.

Acima de tudo, acho, pois, que o mal reside no homem e teremos de actuar sobre ele para encontrar o remédio.

Fossem os homens mais tolerantes, existisse entre todos eles uma maior fraternidade, não fossem possuídos de tanta ganância, vaidade, desconfiança, grosseria e materialidade e digam-me se o mundo seria o caos em que o encontramos?

Se quisermos um mundo melhor há que fazer homens melhores no seu íntimo. Se quisermos que as nações conjuguem seus esforços há primeiro que conseguir entendimento entre os homens; entendimento de cada um para o outro e entre todos no seu conjunto. Há que ensinar aos homens a distinguir o mal do bem; há que saber onde está o verdadeiro bem, aquele pelo qual merecerá a pena lutar, e pelo qual os outros nos ficarão sempre reconhecidos.

Com a melhoria do homem resultará a melhoria da colectividade onde vive, mas é preciso não esquecer que a colectividade tem sobre o homem uma grande influência e, por isso, é preciso não a desprezar melhorando-a para que ela possa influenciar o indivíduo no sentido de o melhorar também. Esta inter-dependência entre a individualidade e a colectividade necessita ser aproveitada ao máximo no sentido de, pela conjugação dos seus duplos efeitos, se conseguir melhores resultados.

Tudo isto são pontos basilares a levar em linha de conta em todo e qualquer sistema educativo quando sinceramente se queiram enfrentar os problemas a sério. Quando falo em problema educativo há que não o confundir com o problema instrutivo, coisas muito diferentes, se bem que um pouco complementares. Para a resolução dos problemas do Mundo é o aspecto educativo que mais interessa encarar».

Afirmando que tinha sido para fazer face a uma situação semelhante, talvez um pouco menos grave, que Baden-Powell criou o escotismo, tendo sido feliz porque procurou a origem do mal para o combater, continuou:

«O método de B.-P. teve ainda o condão de se moldar perfeitamente ao espírito do rapaz nas suas diferentes idades, conseguindo, assim, o seu próprio interesse pelo caminho que segue e pelas actividades que realiza.

É um dos princípios que é seguido na moderna pedagogia da escola activa:

É o próprio rapaz que escolhe, que decide e trabalha para um determinado objectivo. Todos sabemos que, quando nasce em nós a resolução de querer obter um certo fito, nada nos demove do nosso intento; tudo fazemos, o possível e, quantas vezes, até, o impossível; sacrificamos tudo, mas o objectivo é atingido, quando tomamos uma resolução forte. Nenhuma direcção de estranhos, nenhuma resolução de outrem, nenhuma ordem alheia, mesmo que seja dada da maneira mais categórica, nos faz trabalhar com tanto afinco do que quando somos nós próprios a mandar em nós e a tomar a resolução de efectuar determinado trabalho.

Ora está aqui, neste facto tão simples, tão conhecido de todos e de há tanto tempo, um dos factores a que o escotismo deve o seu êxito.

É logo ao dar início à vida escotista que o princípio apontado se aplica, pois a entrada nela é voluntária. É este um ponto de tão grande importância que não perderei meu tempo se chamar um pouco mais a vossa atenção para ele. Não penseis vós, Pais, que colocando e obrigando vossos filhos ao escotismo eles seguirão os ensinamentos que lá se ministram; e vós chefes e guias de patrulha não imagineis que, angariando escoteiros de todas as maneiras para o vosso grupo, ele e o escotismo serão dignificados; não julgueis que esses escoteiros feitos à força, por imposição alheia, serão bons escoteiros. Eles sê-lo-ão só na farda e, mesmo assim, nem sempre. Deixai sempre ao rapaz a possibilidade de decisão. Deveis pô-lo na medida do possível ao facto do que julgueis necessário ele aprender ou fazer, deveis mostrar-lhe o caminho da sua conduta, mas nunca impor qualquer coisa por simples que seja. Deixai ele decidir, e actuar de acordo com essa decisão, mesmo que, às vezes saibais, de antemão, que o resultado será mau; deixai que ele próprio chegue à conclusão de que errou porque só assim a aprendizagem será radical e profícua.

Este princípio adoptado no início da carreira escotista é depois seguido na senda educativa do escotismo. Em todas as actividades, devemos pôr o rapaz sempre em condições de resolver por si. É o local do acampamento que ele escolhe, é a comida que ele próprio fará, o jogo a efectuar, o assunto da conversa ou da instrução, é o guia da sua patrulha e tantas outras coisas que ele tem de escolher e decidir por si.

É neste aspecto que o Chefe tem um grande e espinhoso encargo a cumprir: ele nunca deverá impor a sua vontade; ele será antes um conselheiro, um orientador, um irmão mais velho cuja maior experiência estará sempre à disposição dos mais novos».

O orador apontou ainda como factor necessário a qualquer sistema educativo o atender ao espírito aventuroso da mocidade, características que o escotismo satisfaz, dando-lhe a possibilidade de ser personagem das histórias maravilhosas que aprecia.

«Se gosta da aventura e de enfrentar o desconhecido, dá-lhe os acampamentos e as excursões de exploração, onde, além da emoção aventureira ele terá de rodear-se de um certo número de conhecimentos e aplicá-los na prática para conseguir levar a bom termo a sua tarefa.

Se aprecia mais os feitos cavalheirescos, da defesa dos bons princípios, da honra, da dignidade e de auxílio ao próximo que tão bons exemplos tiveram nos cavaleiros da Idade Média; se nele vibra mais o sentimentalismo, então ele próprio pode fazer-se um cavaleiro dos nossos dias, procurando espalhar esses bons princípios».

O Engenheiro Nobre dos Santos prosseguindo contou a lenda de S. Jorge que inspira a acção dos escoteiros e citou o que B.-P. disse a este propósito. Referiu-se ainda a Kippling, tendo sua Esposa, a Sr.ª Dr.ª D. Irene Nobre dos Santos, lido com brilho a versão portuguesa de Félix Bermudes do notável soneto «Se».

«Coroando toda a mística escotista e servindo, por assim dizer, de base ao desenvolvimento moral do rapaz, encontramos no escotismo o seu código de honra: o compromisso e a lei.

Esta maneira de procurar solucionar o aspecto moral da educação, que em raros sistemas é adoptado, é um dos factores importantes a explorar, e tanto mais profícuo quanto mais racionalmente for empregado. Para que dê os frutos desejados é indispensável que o compromisso seja tomado de livre vontade, deixando que ele seja o complemento natural do desejo forte do aspirante a escoteiro.

Quando um compromisso é feito em termos tais que nós próprios tomamos a peito o seu cumprimento com todo o nosso coração, então mais difícil será o prevaricarmos essa promessa.

Mais que o próprio compromisso interessa a maneira íntima como o encaramos e por isso a maneira como exteriormente o fazemos e nos é apresentado.

O compromisso e a lei interessam sobretudo como metas a atingir. É muito difícil obtermos a perfeição e por isso o que interessa acima de tudo é a resolução íntima, forte e sincera de cumprimos melhor em cada dia que passa.

Em todo o coração jovem há a semente dos bons princípios que aguarda, sòmente, a oportunidade de germinar, crescer e frutificar. O grande valor do escotismo está em, pela sua mística e alguns outros factores que põem à disposição do rapaz, o colocar em condições favoráveis ao seu desenvolvimento moral.

Por outro lado sendo como é um sistema aberto às novas ideias, nele cabem quaisquer novas técnicas que conduzam aos objectivos a conseguir.

Todas as actuais ou vindouras formas de educação, tudo o que tenha valor como forma educativa sob os seus múltiplos aspectos moral, intelectual e físico pode ser nele convenientemente aproveitado. É um sistema activo e progressista e por isso o vemos servir-se dos jogos, dos trabalhos manuais, da vida ao ar livre, dos desportos, da mística da vontade própria, do *self-governement*, do exemplo e de tantos outros factores que utilizados em conjunto e num doseamento conveniente melhor contribuirão para um mais perfeito desenvolvimento integral do futuro homem».

O orador referiu-se ainda ao prazer que o rapaz sente pelos jogos e à maneira inteligente como o escotismo utiliza esta tendência da gente nova, definindo o escotismo como um jogo. A este propósito acrescentou:

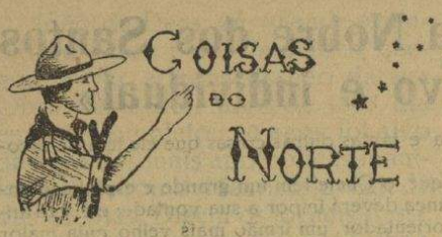
«Mas a competição que é uma grande arma ao nosso alcance para actuar sobre o rapaz é, no entanto, uma das mais perigosas pois que quando mal aproveitada e orientada se pode transformar na mais terrível e dar-nos as piores consequências.

Competição, sim, mas no seu sentido mais elevado: leal, sem exibicionismo nem vaidade, quando reconhecermos ser melhores, sem rancor pelo nosso competidor e sempre dispostos a ajudar os outros que não conseguiram fazer o que nós fizemos; quando vencidos, que ela nos dê força e coragem para nos melhorarmos preparando-nos para novas competições e não nos deixando rancor pelos vencedores.

Os jogos quando são colectivos dão ainda a possibilidade da formação de agrupamentos onde os vários elementos terão de intimamente colaborar para melhor alcançarem a vitória. Deste modo, se estabelecem relações entre os rapazes e pela sua actuação se desenvolve neles o espírito do valor da colectividade e a necessidade da colaboração perfeita. Eles passam a compreender melhor o que valem como elementos dum todo e como esse todo é o que eles fizeram dele».

Nobre dos Santos, prosseguindo na sua clarividente exposição do método escotista, referiu-se à organização das patrulhas e terminou:

(Continua na 4.ª página)



GRUPO 4

Após alguns meses de frio intenso, o «4» reapareceu para nos causar uma surpresa. Assim no dia 9 de Fevereiro último foram convidados, o Chefe e Secretário Regionais, assim como os dirigentes dos Grupos, para assistirem à inauguração do novo ano de trabalho deste Grupo.

Confesso que me deixou bastante admirado a remodelação que tornou a sede do «4» uma das mais bonitas, senão a mas bonita da região.

Após ter-nos sido dita qual o fim daquela reunião pelo Sub-Chefe, (actual dirigente deste Grupo) falaram os Chefes dos Grupos 15, Sr. Vidal dos Santos; do 91, Sr. Arnaldo Couto, que falou também como delegado do «*Sempre Pronto*» e o Secretário Regional Sr. Manuel Amorim, e que substituiu o Chefe em virtude deste se encontrar doente.

Seguiu-se um «Porto de Honra» servido pelos escoteiros do «4», e terminando com algumas poesias e canções patrióticas e escotistas.

Parabéns aos Escoteiros e Sub-Chefe do «4» pelo seu grande e brilhante trabalho.

GRUPO 15

Este Grupo tomou parte activa na Festa Desportiva da A. C. M. (organismo a que está ligado) tendo apresentado a sua Patrulha Eléctrica, entremeando dois números de ginástica feitos pelos atletas daquela corporação, e demonstrando em seguida um acampamento qne por falta de tempo teve de ser bastante cortado.

No final das demonstrações foram distribuídos Diplomas e medalhas da A. C. M. aos atletas das várias secções, assim como a alguns Escoteiros.

GRUPO 91

No passado dia 14 realizou este Grupo a festa comemorativa do seu VIII aniversário, que decorreu num ambiente de íntima camaradagem.

Esta pequena festa, foi presidida pelo Rev. Sr. A. Pereira Araújo, ladeado pelos Srs. Leonard Barros, Delfim Fortes, Vidal dos Santos e António Moreira, respectivamente, membro da Comissão de Patrocínio, Sub-Chefe do Grupo 4 e Chefes dos 15 e 44.

Depois dos discursos proferidos pelos Chefes dos Grupos presentes, foram colocadas em alguns escoteiros deste Grupo medalhas e estrelas de serviço, seguindo-se uma alegoria no palco, após o que foi distribuído aos escoteiros e Chefes um Chá e um «Porto de Honra».

JAGUAR BRANCO

«Escotismo — Seu valor colectivo e individual»

(Continuação da 3.ª página)

«Se os rapazes tiverem sinceramente sentido e apreciado quanto vale a colaboração, amanhã quando homens serão mais senhores de si próprios por conhecer melhor as suas capacidades — teremos uma maior valorização individual — e terão desenvolvido em si com profundas raízes o amor e a compreensão pelo próximo; serão mais leais e mais tolerantes e a colectividade terá melhorado no seu conjunto não só por eles em si próprios serem melhores e estarem mais valorizados, mas ainda porque da sua união e colaboração resultará um trabalho mais profícuo para o bem-estar e progresso dessa colectividade—teremos uma maior valorização colectiva».

CONVERSAR, DIZER E ESCREVER

Os nossos propósitos

A Língua Portuguesa é justamente considerada um motivo de orgulho para os portugueses. A sua doce sonoridade, a harmonia, o equilíbrio e a elegância das suas formas, tornam-na inconfundível. A sua riqueza vocabular deve-se à passagem pela Península de numerosos povos colonizadores e, ainda, às viagens dos navegadores portugueses através de todos os oceanos e ao estabelecimento de feitorias comerciais em todos os continentes, na época áurea dos Descobrimentos.

Por isso, estudar a nossa Língua é adquirir uma apreciável soma de conhecimentos valiosíssimos.

Quantos segredos, quantas aventuras e feitos heróicos encerram muitas das palavras que empregamos diàriamente nas nossas conversações!

Mares infindáveis, continentes inteiros, separam algumas das regiões onde nasceram muitos dos vocábulos que encontramos no nosso Léxico! Desde a Península Itálica, berço da fonte principal da nossa Língua—o Latim,—à Grécia, à Índia e China, na Ásia, ao Brasil, no Sul da América e às regiões tropicais do Continente Africano, que incomensuráveis distâncias não mediam! A todas elas foram os nossos avós buscar novas palavras para enriquecer a nossa Língua.

E não esqueçamos que tem sido na Língua Portuguesa que se têm exprimido grandes poetas e prosadores, entre os quais se ergue, a grande altura a figura inexcedível de Camões, glória não só da nossa Literatura, mas da Humanidade!

A Língua dos Portugueses merece, pois, que a estudemos e perscrutemos, para conservarmos esse Património, de que somos depositários, cada vez mais grandioso, nobre e puro.

* * *

Nos últimos anos, diversas entidades têm-se devotadamente ocupado a dar ao povo português um mais perfeito conhecimento da sua Língua. Dia a dia se reconhece que o seu esforço vai colhendo frutos preciosos. Quase todos demonstram grande interesse em aperfeiçoar-se na sua maneira de se expressar e o estrangeirismo é, por muitos, repelido com horror.

O «*Sempre Pronto*» sente também o dever de contribuir, com a sua boa vontade, nesta louvável campanha a favor da nossa Língua. É por este motivo que iniciamos hoje esta secção. O nosso esforço é bem modesto, mas estamos certos que, a despeito do nosso pouco saber, iremos, a seu tempo, colher apreciáveis benefícios.

Não pretendemos ensinar ninguém; antes, vamos estudar conjuntamente. Serão apenas umas ligeiras trocas de impressões, simples «conversa» acerca da melhor maneira de nos expressarmos.

Fazemos votos para que sejamos bem sucedidos nas nossas intenções e até ao *próximo número*...

J. R.

«Canção da Patrulha Galo»

Coro:
Có-có-ró-có
cá-cá-rá-cá
qui-qui-ri-qui...
canta o Galo de manhã, à alvorada,
manhã cedo,
todo ledo,
na sua voz esganiçada!

O escoteiro levanta-se, matinal,
como o Galo mais alegre e prazenteiro,
deitar cedo no escoteiro é bom sinal,
erguer cedo é um bom lema do escoteiro,

E ao deitar, na sua tenda de campista,
com um tecto todo branco, de luar,
pisca o olho às estrelinhas, se as avista
faz caretas para o Sol, ao acordar.

Có-có-ró-có
etc.

LOBO DO ALGARVE

O «60», de Vila Real de Santo António oferece a música desta canção aos grupos que a desejem.

AMIGOS DO "SEMPRE PRONTO,,

De um amável leitor que se esconde sob o pseudónimo de «*Um assinante*» recebemos a quantia de Esc. 20$00 para o nosso jornal. Muito agradecemos.

O «JAMBOREE» DE 1947

(Continuação da 2.ª página)

boree-France» que, editado em várias línguas, dará aos rapazes as notícias do dia e as indicações para o dia seguinte.

Depois do «Jamboree», que durará de 9 a 18 de Agosto, durante três dias, as delegações estrangeiras visitarão a região parisiense, e também a 19, 20 e 21 reunir-se-á, no castelo de Rosny, o Congresso do Escotismo, que se realiza de dois em dois anos e que agrupa seis delegados de cada nação.

Depois de 21, os organizadores do «Jamboree» pediram aos estrangeiros que prolonguem a estadia em França e conheçam as províncias francesas. Haverá, para o efeito, digressões turísticas.

O CONCURSO DE 1947

«SUPLEMENTO AO SEMPRE PRONTO»

Redacção e Administração: Trav. de Vitorino de Freitas n.º 9—Ajuda

LISBOA

FIGURAS E FACTOS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

«O *Sempre Pronto*» oferece aos seus leitores um interessante Concurso, pelo qual se fará uma rápida digressão pela História Pátria. Não deixe, pois, de concorrer, habilitando-se aos prémios valiosos que serão sorteados entre todos os concorrentes que tenha acertado com todas as soluções.

Para concorrer basta responder às perguntas feitas em cada número utilizando o verbete inserto neste suplemento, que deve ser enviado à Redacção dentro de 60 dias após a publicação.

Os concorrentes podem indicar o número do Grupo da sua simpatia ou a que pertençam, que ficará assim habilitado aos prémios colectivos que serão atribuídos àqueles que tiverem maior número de concorrentes e pelo menos 10.

O Concurso termina no fim da ano corrente.

PRÉMIOS

COLECTIVOS

1.º PRÉMIO—CASA «STADIUM»

1 bola de voleibol oferta da reputada Casa «Stadium» fornecedora de todos os artigos para Desportos. Rua da Madalena, 182-A.—Lisboa.

2.º PRÉMIO—«SPRIL»

1 jogo Monopólio, oferecido pela reputada Casa «SPRIL» da Rua do Loreto, 34, 2.º, em Lisboa, fornecedora de todos os artigos desportivos e de jogos.

3.º PRÉMIO—«CASA DO DESPORTO»

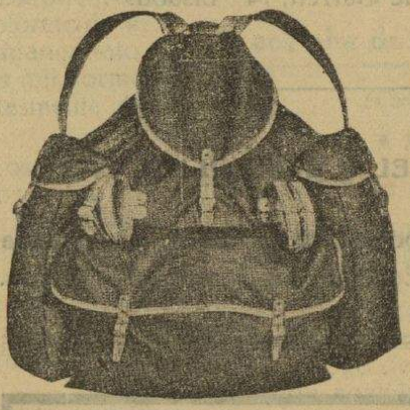
1 raqueta e 6 bolas para ténis de mesa. Oferta do estabelecimento da Rua da Madalena, n.º 196, em Lisboa, fornecedora de artigos para Desporto.

4.º PRÉMIO «CASA SENA»

1 balde de lona para água oferecido pela conhecida casa de artigos desportivos e de campismo «Sena». Rua Nova do Almada, 48 a 52—Lisboa.

5.º PRÉMIO — Um exemplar da obra «Guia do Escoteiro» de Velho Lobo, oferta do nosso amigo e antigo escoteiro Sr. Fernando Pesca.

INDIVIDUAIS



Prémio «VIEIRA CAMPOS» — Um óptimo saco alpino com armação, fabrico esmerado da importante casa de artigos de campismo «Vieira Campos» Rua da Prata, 215 e 217, em Lisboa.

PRÉMIO «CASA PEYROTEO»

Uma linda estatueta de bronze, com base de mármore, de um cavaleiro lançando o dardo. Oferta da conceituada casa de artigos para Desporto e jogos «Peyroteo», Rua Nova do Almada, n.º 51—Lisboa.

2 PRÉMIOS «ANTERO LOPES, L.DA»

2 facas de mato suecas, oferta da Casa Antero Lopes, L.da, fornecedora conceituada de artigos para caça e campo, Rua de Eugénio dos Santos, n.º 31, em Lisboa.

PRÉMIO «VITORINO DE SOUSA»

1 cantil de esmalte, oferecido pelo estabelecimento de correeiro e artigos para campismo, da Rua dos Correeiros, n.º 200 n 202, em Lisboa.

PRÉMIO «PAPELARIA DA MODA»

Uma faca para cortar papel e um marcador para livros, com artística gravação, oferta da importante Papelaria da Moda—Rua Áurea, 169—Lisboa.

PRÉMIOS «EDITORIAL MINERVA»

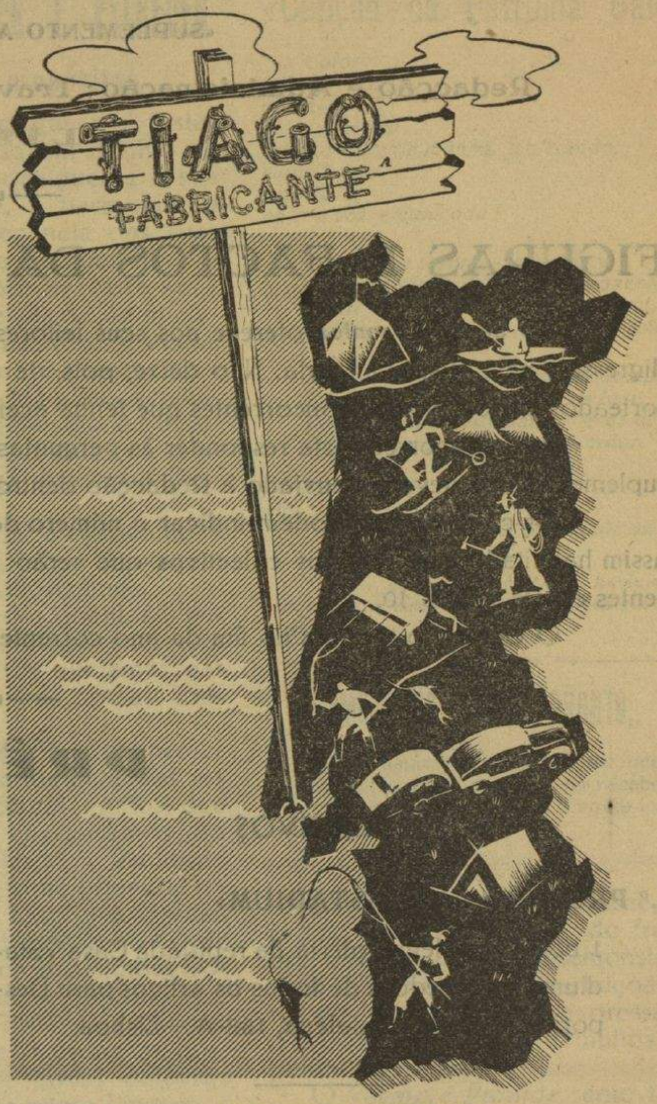
Cinco exemplares da obra «Guia do Campista», de Chaves Mendes. O mais completo manual de campismo publicado em Portugal. Rua de Luz Soriano, 33—Lisboa.

PRÉMIO «BERTRAND»

A obra de Júlio Dinis «Uma Família Inglesa», em dois volumes ilustrados, oferta da Livraria Bertrand, da Rua de Garrett, 74—Lisboa.

PRÉMIO «PIMENTEL & CASQUILHO, L.da»

1 bússola de bolso, oferta desta conceituada casa. Rua de Eugénio dos Santos, 75—Lisboa.



RUA DO BENFORMOSO, 37
LISBOA TELEF. 31318

Á venda na nossa Redacção

Estatutos da Associação dos Escoteiros de Portugal

Em papel especial, 8 páginas, ao preço de, cada exemplar, Esc. 1$00.

O Escotismo e a Formação Cívica

De Charley del Marmol

Um opúsculo de 12 páginas, prefaciado pelo Tradutor.

1 exemplar	Esc.	1$00
1 dúzia	»	10$00
1 cento	»	60$00

Estampa com a fotografia de Baden-Powell 1$00
A Educação da Mulher, por J. S. Marques.. 2$50

Pedidos à Redacção

CONCURSO DE 1947

Figuras e Factos da História de Portugal

Reposta ao episódio N.º .....

a) .....

.....

.....

b) .....

.....

.....

Nome do concorrente .....

.....

Morada .....

.....

Localidade .....

Grupo n.º .....

Assinatura

.....

Recorte, preencha e remeta à Redacção do «Sempre Pronto».

SECÇÃO TÉCNICA

Primeiros socorros

(Continuação do número 22)

Feridas e seu tratamento

Há várias classes de feridas:

Cortantes—Produzidas por instrumentos afiados (machado, faca, etc.).

Contusas—Deitando pouco sangue, causadas por um objecto não cortante, (martelo, etc.).

Penetrantes—Ferida internas profundas, deitando quase sempre sangue (causadas por instrumentos de ponta, balas, etc.).

Escoriações—Feridas de bordos irregulares, de pouco sangue, causadas por fricção (quedas, por uma máquina em movimento, mordeduras, etc.).

Cicatrização

Este é o processo de reparação pelo qual se fecham as feridas o que se verifica pela união dos seus bordos, o que se pode fazer por duas maneiras.

Na primeira os tecidos separados unem-se imediatamente sem sofrer supuração. Uma vez aproximados os bordos da ferida a linfa supurada logo os aglutina, fechando definitivamente aquela.

A segunda forma de cicatrização é mais demorada e obtém-se depois da ferida ter supurado por um processo de granulação dos tecidos (assim sucede em muitas feridas contusas e escoriações ou naquelas em que não foram observadas as regras da antissepsia).

A supuração é o resultado da vitória da micróbio sobre o fagócito (1): se aquela se localiza constitui um abcesso, porém se o processo se estende e os gérmenes penetram no terreno circulatório, dá lugar a septicemia.

Tratamento

Os pontos principais a recordar são:

1.º—Deter a hemorragia.

2.º—Limpar e desinfectar a ferida.

3.º—Proteger a ferida com uma compressa.

4.º—Suster a parte ferida por meio de um suspensório ou talas.

4.º—Tratar do choque se existe.

Sempre que as condições o permitam devem lavar-se bem as mãos e unhas antes de tratar uma ferida. Por mais pequena que esta seja corre perigo de infecção, por conseguinte, é necessário tratar duma ferida pequena como se fosse grande. Outra complicação das feridas é o tétano.

As precauções antissépticas constituem, por um lado, na mais escrupulosa limpeza, e por outra, no emprego de certas substâncias que possuem a propriedade de impedir a putrefacção, destruindo os microscópicos (vírus e bactérias), que neste fenómeno desempenham o papel principal.

Limpe a ferida com um pedaço de gaze, algodão esterilizado ou um pedaço de lenço limpo, o qual se fez ferver meia hora para esterilizá-lo, ou seja, matar o vírus e bactérias. Se se quiser actuar ràpidamente, embeba-se um lenço limpo em alcool e deite-se-lhe fogo; quando o alcool estiver consumido e antes que o lenço se queime, apague-se o fogo e ter-se-á o lenço apto para ser empregado sem temer a infecção. A ferida pode limpar-se com uma solução antisséptica, água oxigenada, alcool, bicloreto de mercúrio a 1 por mil, permanganato de potássio a 1 por dois mil, formol a 1 por mil ou simplesmente água fervida meia hora.

Em casos de que os bordos das feridas estejam sujos com óleo, como sucede nas feridas produzidas por engrenagens, pode utilizar-se para limpá-los benzina ou gasolina. No caso duma ferida infectada ter mau cheiro, use-se uma solução de permanganato de potássio a 1 por dois mil.

A forma mais rápida e prática de tratar uma ferida é molhar um pedaço de algodão com tintura de iodo, limpar a ferida, seus bordos e uma boa superfície da pele ao seu redor. A sua aplicação é algo dolorosa, porém essa sensação passa instantâneamente. É preferível não tocar na ferida com os dedos, o que só deve fazer-se no caso de se encontrar junto dum médico, quando a ferida precisa de ser saturada; neste caso as mãos estarão muito limpas e bem pinceladas com tintura de iodo.

A tintura de iodo tem um inconveniente: se se usa velha, altera-se e torna-se muito irritante, chegando até a levantar bolhas. Sempre há que usá-la o mais fresca que seja possível. Sem embargo pode-se preparar uma tintura de iodo quase inalterável, cuja fórmula é: iodo 100 gramas, iodeto de potássio 40 e alcool a 90° mil gramas.

Uma vez limpa a ferida com os antissépticos já indicados, ou pincelada com tintura de iodo, coloca-se em cima a gaze ou um pedaço de lenço que se ferveu durante meia hora. Convém sempre ter à mão uma caixa de gaze esterilizada cortada.

Aberta a caixa toma-se uma gaze com a ponta dos dedos, tendo cuidado de que a parte que esteve em contacto com os dedos não fique directamente sobre a ferida. Em cima da gaze põe-se o algodão com o fim de proteger a ferida das impurezas do ar (pó, gérmenes, etc.). Coloca-se em seguida a ligadura para suster o penso.

Ao mudar um penso, se a gaze está muito pegada, convém humedecê-la com água fervida ou com uma solução antisséptica. Não convém repetir muito seguidas as aplicações da tintura de iodo, porque é cáustica.

Nas feridas de bala, detenha a hemorragia, cure a ferida e trate das fracturas se as houver.

Transcrito de *El Scout Argentino*

(1) Célula que pode absorver e digerir partículas orgânicas ou inorgânicas.

A cozinha do acampamento

(Continuação do n.º 22)

A Fogueira

d) *Modelos de fogueiras:*

Existem numerosos modelos de fogueiras, todos eles com a sua aplicação especial, as suas vantagens e os seus inconvenientes. Também a fogueira é usada para muitos fins: para o fogo de conselho, de bivaque, de cozinha, para sinais, para espantar mosquitos e desinfectar o ar.

Para o caso presente, interessa-nos sòmente os tipos de fogueiras de bivaque, e de cozinha.

A fogueira de bivaque deve ser de fácil construção e que não reclame muito combustível.

Para a escolha do tipo de fogueira de cozinha apropriado a a cada circunstância já se tem que atender a mais requisitos. O modelo variará consoante o número de campistas, qualidade do terreno, qualidade e quantidade de lenha, estado do tempo, velocidade do vento, duração do acampamento e intensidade de calor.

1.º) Fogueiras para bivaque:

1—*Em estrela:* constrói-se a pirâmide e lança-se-lhe fogo. À sua volta dispõem-se depois delgadas achas em forma de estrela, cujo centro é a pirâmide. Conforme vão sendo consumidos, vão-se aproximando do braseiro os «braços» da estrela. Sobre a chama fica suspensa a marmita.

2—*Apoiado em duas pedras:* arranjam-se duas pedras chatas e colocam-se uma ao lado da outra, deixando entre elas um pequeno espaço (15 cm.) onde se acenderá a fogueira.

2.º) Fogueiras para cozinha de acampamento:

1—*Individual:* faz-se um buraco no chão, com um dos lados vertical, e o outro em ladeira suave. Dimensões: 10 a 13 cm. de profundidade, 10 a 20 cm. de largura e 30 a 50 cm. de comprimento (compreendendo o declive suave). Este declive é feito do lado de onde sopra o vento. A pirâmide é erguida no ponto mais fundo do buraco. O combustível utilizado pode ser pequenos ramos de árvore e gravetos finos. Tem a vantagem de uma grande rapidez de calor, economia de combustível e uma boa tiragem e serve muito bem para ferver uma marmita de água e para fazer sopa para uma pessoa. Tem os inconvenientes de enfarruscamento e necessita de orientação cuidadosa.

2—*Polinésia:* cava-se um buraco em forma de funil, com um diâmetro exterior de 30 a 60 cm. Começa-se a construir a pirâmide no fundo e vai-se depois carregando-a de maneira que os últimos cavacos repousem fora do buraco, no solo. Depois de acendida, a pirâmide desaba e cai. Continua-se a carregar o fogo pondo mais cavacos pousados na borda do buraco. Sendo necessário, pode-se também pôr lenha no meio do fogo.

Esta fogueira abrasa-se bem, conserva todas as cinzas, queima o pior combustível e dura infinitamente. Pode-se chamar-lhe o forno de campo e é por assim dizer, indispensável em todas as cozinhas.

Tem as vantagens de não dar chamas fortes e de não servir para grandes marmitas, do género caldeirão, porque o fogo exigiria muita lenha que provocaria a acumulação de cinzas.

(Continua)

■

Nada de novo... mas necessário

Manifestando de parte a parte, vontade de continuarmos os nossos passeios ao campo onde a pureza do ar vale como um drástico ao nocivo ambiente das lôbregas salas citadinas, vamos prosseguir: Pois bem, vamos primeiramente classificar as plantas do nosso convívio quotidiano e principiaremos pela couve, a cenoura, a dita papoila, a amendoeira, etc.

Sabes como se designa este grupo que tem raiz, caule, folhas, flores e frutos?

Chama-se *espermáfito* ou *espermatófito.*

A avenca de que falámos e de que tu não deixas de cochichar com os teus botões, (ah! conheço bem essa planta de folhitas verdes com os filamentos escuros a ligar ao acastanhado caule subterrâneo — também sei que este tipo de caule tem o nome particular de *rizoma* — donde partem numerosas raízes a fixarem-na ao solo), pertence como os fetos, o polipódio, etc., ao grupo denominado *pteridófito* porque tem raiz, caule e folhas. Não se julgue que estes grupos não se subdividem em parcelas com maior ou menor número de variedades.

Se analisarmos este musgo verificamos que tem folhas, caule e rizóides. Deu-se a este grupo de plantas inferiores o nome de *briófitas.* Atendendo à existência de dois tipos diferentes de briófitas deu-se ao grupo com semelhanças do musgo, o nome de *muscíneas* e ao da hepática das fontes a denominação de *hepáticas.*

Aparece-nos, agora, depois de examinarmos as plantas superiores, um tipo novo, as *talófitas,* que abrange diversos sub-tipos. Quais as razões que te levam a afirmar que a bodelha tão vulgar nas praias, o cogumelo, etc., são talófitas?

A esta pergunta, com um pouco de arrojo, o meu amigo leitor alvitrará — atendendo à formação e e etimologia da palavra talófita.

Ora porque há-de ser!!...

Por que tem... um talo.

Sim senhor, é verdade. Poder-se-á dizer indiferentemente talo e caule? Como resolvermos este dilema que já foi pensado e julgado?

Olha meu amigo não é difícil saber a destrinça entre eles. Ora, ouve:

É que o talo é constituído por células não diferenciadas.

Mas o que são células? perguntará certamente, o leitor cioso de saber mais alguma coisa.

Sabê-lo-ás em breve porque Roma e Pavia...

PISSARRA GOUVEIA

• • o • •

S. JORGE

Montado em seu corcel, branco e fogoso,
O mundo percorreu sempre a lutar,
E a vitória por fim pôde alcançar
Sobre o dragão, fiorrendo e temeroso...

Desse mancebo, nobre e audacioso,
Belos feitos a lenda vem narrar.
É dos novos um guia modelar,
Do Escotismo, patrono valoroso.

«Sempre Prontos», alegres, trabalhando,
Os Escoteiros agem com vontade,
E a S. Jorge a memória vão fiontando

Defendendo a Virtude e a Caridade,
Por Deus e pela Pátria vão lutando
Para fionra e por bem da fiumanidade!

Angra do Heroísmo.
Açores

JACINTO DOS REIS MONIZ SILVA

Mais uma jornada de propaganda escotista promovida pelo «Sempre Pronto» em patrocínio do Grupo 8 da Póvoa de Santa Iria.

Domingo, dia 16 de Março findo, logo de manhã, desembarcaram na estação da Póvoa de Santa Iria, escoteiros dos grupos de Lisboa que, acompanhados dos seus dirigentes e de diversas pessoas de família, imprimiram àquela localidade um movimento desusado.

Os escoteiros formaram na estação, desfilaram em *à-vontade* pelas ruas da povoação, e dirigiram-se ao campo de jogos do União Atlético Povoense onde se realizou um Torneio Relâmpago de Voleibol que terminou com a vitória do Grupo n.º 2.

À tarde os escoteiros voltaram a reunir e desfilaram até à sede do Grupo Dramático Povoense, onde se efectuou a sessão de propaganda. Presidiu o Sr. Isidoro A. Costa, presidente da Comissão Administrativa da colectividade que gentilmente cedeu a sala, e digno vereador da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, que convidou para o secretariarem os Srs. Armando Lino, secretário do Núcleo de Lisboa; Eduardo Ribeiro, Director do nosso jornal; Pedro Aparício, da Direcção do Póvoa Clube e Ayres Dinis, organizador do Grupo de Escoteiros da Póvoa.

Seguidamente o Sr. Engenheiro José Maria Nobre dos Santos, dirigente escotista, proferiu a sua brilhante conferência sobre «Escotismo — seu valor colectivo e individual», de que publicamos em separado um extracto.

Após a conferênci ao Sr. Ayres Dinis referiu-se aos motivos por que se fundou um grupo de escoteiros na Póvoa e agradeceu a colaboração dispensada. Foi dada a palavra ao Director do nosso jornal que se congratulou com a oportunidade concedida ao «*Sempre Pronto*» de promover aquela sessão e agradeceu a presença dos Grupos de Lisboa, dos Chefes do 84 do Entroncamento, a cedência da sala, da máquina cinematográfica pelo Sr. Francisco da Costa Guedes, e do programa cinematográfico pela **Vitória Filme.**

Felicitando o orador pela sua conferência, apresentou-o como exemplo do êxito da educação escotista. O Sr. Engenheiro Nobre dos Santos é escoteiro desde muito novo, sem que tal facto tenha prejudicado a sua formação profissional. O nosso Director terminou apelando para os pais presentes para que entreguem os seus filhos ao Escotismo.

O Chefe Sr. Armando Lino falando em nome dos Grupos de Lisboa e ainda do Entroncamento fez votos pelo sucesso do Escotismo na Póvoa.

O Sr. Presidente encerrou a sessão depois de formular os melhores desejos de ver um bom grupo de escoteiros na sua terra, acompanhando o apelo feito para que os pais da Póvoa colaborem na organização.

Seguiu-se um acto de variedades por escoteiros do 94 com a colaboração do escoteiro Tibério Lopes do 2.

No final foram exibidos alguns filmes culturais coloridos e a interessante comédia com motivos escotistas «Rapaziada».

Tomaram parte nesta actividade os Grupos n.os 2, 9, 17, 53, 79, 85, 94 e os Dirigentes Srs. Manuel Sá Viana, Francisco José, Armando Lino, Ferreira da Silva, António Lobo de Carvalho, Capitolino F. Macedo e Joel Ribeiro.

É de salientar o espírito de colaboração dos grupos presentes e o entusiasmo que puseram na propaganda a favor do Grupo em organização.

• • o • •

FALTA DE ESPAÇO

Por falta de espaço ficou retido muito original, especialmente das secções Técnica, Desporto, Filatelia, Charadas e noticiário. Que os nossos prezados leitores e colaboradores nos desculpem.

CONCURSO DE FIGURAS E FACTOS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

II

Ia-se jogar uma partida decisiva para a reafirmação da independência de Portugal. As hostes portuguesas tinham acampado ruidosamente naquelas extensas campinas. Apesar de serem bem poucos em face das numerosas tropas castelhanas, os lusitanos estavam possuídos de grande entusiasmo. Uma das alas do nosso exército, composta pelos mais moços mas também mais valentes guerreiros, projectavam grandes cometimentos para o dia seguinte. Cada qual jurava por sua dama, realizar determinadas proezas na grande batalha que se ia travar. Assim, Gonçalo Eanes de Castelvide declarava que seria ele quem daria o primeiro golpe.

Outro bravo português, Vasco Martins de Melo, afirmava que, custasse o que custasse, prenderia o rei de Castela ou, se tal não fosse possível, tocar-lhe-ia, pelo menos, com a mão.

Antão Vasques de Almada assegurava, sob a sua honra, que arrancaria a bandeira castelhana ao inimigo. E outros bravos guerreiros faziam as suas declarações. Os demais escutavam-nos respeitosamente. Cortando o silêncio do acampamento, agora adormecido, ecoavam as palavras heróicas daqueles valentes, muitos dos quais, para as cumprir, teriam de oferecer à Pátria o seu sangue e a sua vida.

* * *

Durou pouco a batalha. Nunca se vira tanta bravura, um punhado tão grande de actos heróicos em tão poucos minutos. Todos cumpriram os seus votos.

As numerosas hostes castelhanas foram vencidas pelo entusiasmo e valentia dos portugueses. Em pouco tempo foram tomadas pela confusão que resultou numa desastrosa debandada.

O rei D. João de Castela foi dos primeiros a fugir. Vasco Martins de Melo, aguardando a oportunidade de cumprir a sua promessa, lança-se numa louca correria em perseguição do rei castelhano. Em golpes de audácia, consegue romper através da escolta real e, quando ia a colocar a mão sobre D. João, caiu varado pelo inimigo, que o reconhecera.

* * *

Do exército castelhano nada mais restava que uns magotes de soldados desordenados, refugiando-se em quintas e noutros esconderijos.

O rei de Portugal, que lutara como um leão, saboreava o prazer da vitória. Descansava num banco de pedra, quando vê aproximar-se um grupo de cavaleiros portugueses. De entre eles, sai Antão Vasques de Almada que veio depor-lhe aos pés o estandarte castelhano, que apreendera...

Que episódio da História de Portugal nos é narrado acima?

Como se chamava o comandante do Exército Português?

Portugal no «Jamboree» Mundial da Paz

Tem despertado o maior interesse no público, mesmo fora dos meios escotistas, a questão da representação de Portugal no grande certame da juventude a realizar em França.

Pela nossa parte esperamos que no próximo número já teremos algo de importância a dizer sobre este assunto. Entretanto, iremos arquivando nas nossas colunas ofertas para auxílio das despesas com a referida representação.

Conforme registámos no último número os Srs. Engenheiro Artur Boneville Franco e o Escoteiro-Chefe Albano da Silva acorreram expontâneamente a abrir esta subscrição. Por essse motivo lhes estamos muito reconhecidos.

Transporte do número anterior	400$00
Sr. Duarte de Oliveira e Silva	20$00
Sr. Luís Simões Aurélio	10$00
A transportar	430$00

Aos novos contribuintes os nossos agradecimentos. Continuaremos a registar ofertas de todos os portugueses que desejem dar a sua colaboração para que os Escoteiros de Portugal não sejam ignorados em França.

Uma oportunidade para fazer uma Boa Acção

Um dirigente escotista residente da província deseja transferir-se para Lisboa. Precisa duma casa com 8 divisões e de boas condições higiénicas. Prefere nas imediações da Praça do Chile, Estrela ou Algés.

Renda que não vá muito além de Esc. 600$00. Aquele nosso amigo pede a todos os escoteiros que tenham conhecimento de qualquer casa nestas condições ou semelhantes o favor de comunicarem para esta Redacção.

N.º 3 — Abril de 1947

Evocação do passado

Folhetim do «Sempre Pronto» — Por Manuel Ferreira

III

O infante D. Afonso, alto, robusto, barba negra, uma pequena murça sobre os ombros largos, estava reunido com os chefes das suas hostes, quando um escudeiro veio anunciar a chegada de um enviado do castelo de Celorico.

Anoitecia e as sombras começavam a envolver os montes vizinhos que se prolongavam até ao cimo pardacento do Herminio. As achas de pez iam acender-se e em torno do acampamento, homens vestidos de ferro faziam sentinela. Em frente, no alto de um cómoro, distinguia-se o vulto negrejante da alcáçova, há tanto cercada e cujas muralhas jamais os homens do pretendente haviam conseguido transpor.

—Finalmente!—observou o conde de Bolonha, com um sorriso irónico. — Não há dúvida que foram bravos, mas vêm saber das condições.

Um guerreiro entrou na tenda. D. Afonso, estava sentado num tamborete, com a espada sobre os joelhos.

Curvou-se o recém-chegado. Depois dirigiu-se ao infante, pediu-lhe a mercê de deixar vir um escudeiro.

— Sim. Mas sede prestes, pois muito tempo já eu perdi com a vossa teima. Para quê, tanto derramamento de sangue? Para quê, tanta perda de vidas? Para, finalmente, vires agora pedir a graça da capitulação. Como vos chamais?

—Gomes Viegas, cavaleiro de D. Sancho II, rei e senhor destes reinos.

O conde de Bolonha esboçou um trejeito de contrariedade. Entretanto, o escudeiro dirigiu-se-lhe, trazendo numa escudela uma enorme truta.

—Que significa isto, Gomes Viegas? Dizei depressa, senão à fé de quem sou, que falarão as minhas justiças...

Vagarosamente, o enviado do castelo de Celorico desdobrou um pergaminho que trazia aconchegado ao gibão e disse:

—Senhor infante! permita Vossa Senhoria que vos dê conhecimento destas letras do muito nobre Fernão Rodrigues Pacheco, alcaide do velho castelo de Celorico.

Os brandões espirravam fumo, e o céu polvilhava-se de estrelas, quando, diante do silêncio do conde de Bolonha, o escudeiro leu:

—Senhor, não culpeis a minha resistência para sustentar a voz de el-rei D. Sancho, vosso irmão, que mercês recebidas, obrigações e homenagens me desculpa. Eu tenho determinado perseverar na defesa até expresso mandado seu. Querendo insistir podeis fazê-lo, pois a vila está guarnecida de bons cavaleiros que tendes experimentado, e provida de mantimentos como assegura esse regalo. Estimarei que o aceiteis, atendendo ao pouco que pode oferecer-vos um cercado.

A surpresa estampou-se na face do conde de Bolonha.

—Ide em paz, Gomes Viegas. De hoje em diante, podeis acrescentar ao vosso nome, o nome de Peixão.

IV

Eram horas de iniciar o fogo de conselho. Jorge, vivamente interessado, perguntou ao professor:

—Mas, então, Celorico estava cheia de víveres?

— Isso sim! Dispunham-se já à entrega, cheios de fome. Mas passou sobre o castelo uma águia que deixou cair a truta. E, então, para mostrar que havia alimentos em abundância, resolveu o alcaide mandar o peixe ao sitiador.

—E depois, o infante D. Afonso retirou-se?

—Imediatamente. Por isso, no brasão de Celorico figura uma águia com um peixe nas garras?

As chamas do fogo extinguiam-se agora, aos poucos. Lá no alto, sempre alerta, as muralhas do castelo de Celorico da Beira confundiam-se no negrume da noite...

FIM

A LEALDADE

A Lealdade é a forma mais nobre da honradez, e constitui por assim dizer a moeda de troca entre os homens. Estabelece-se na base das relações sociais, pois a Lealdade cria a confiança. A confiança traz consigo a estima e esta faz nascer o afecto. Assim, em forma progressiva, verifica-se o encadeamento das relações e numa ordem geral e escalonada encontramos a bondade, a abnegação, a honestidade, a generosidade, o amor ao próximo, o respeito, a tolerância, a cortesia e a nobreza.

O Código de Honra dos escoteiros impõe a estes a obrigação de serem leais. Mas, pergunta-se se ele poderá constituir uma obrigação de carácter educativo ou se é a consequência imediata das condições naturais do indivíduo. Não haja dúvida a este respeito. A nobreza de sentimentos, a generosidade, a cortesia, e o valor da honestidade são dotes naturais dos indivíduos, e eles ùnicamente podem aperfeiçoar-se ou fazer-se efectivos na vida, relacionando com o próximo. Não duvidamos que o escotismo atinge sua finalidade quando descobre esses dotes e os aplica nas constantes práticas da vida quotidiana. A Lealdade é uma virtude, mas para que ela transite ao exterior é necessário pô-la em prática. A Lealdade não resulta de uma satisfação íntima e platónica da consciência, antes deve laborar no exterior para se converter em traço de união com quem a pratica.

Lealdade não significa precisa e ùnicamente o contrário da mentira. A mentira é, de facto, um acto vil e quem a comete rebaixa-se e degrada-se aos seus próprios olhos. Aquele que é leal e não tem possibilidade de incorrer em mentiras, porque se o fizer, deixa de ser leal para consigo e para quem o rodeia. A Lealdade faz que quem a pratica, repila simultâneamente a mentira, a insídia, a difamação, a injustiça.

O Escotismo é uma escola de confiança e de entusiasmo, não de cepticismo. Nas práticas sãs que inculca esta nobre tarefa, não se encontra o trabalho insidioso como em qualquer outra organização. Por elas é que a prática do escotismo está tão vinculada na lealdade, que constitui uma das bases da sua obra, na qual se inscreve voluntàriamente quem a ela pertence.

Traduzido da revista *El Scout Argentino*

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

CAMPISMO

Lemos no semanário «*Sol*», de 15 de Fevereiro último um interessantíssimo artigo acerca da Educação Física na vida feminina.

Segundo a opinião de Ménia que o subscreve, a ginástica e o ar livre influenciam imenso na vida da mulher, devendo fazer dela parte integrante.

Entre nós, é um mal que ainda está bastante enraizado, pois só uma pequena parcela de mulheres se interessam pelo CAMPISMO.

Cabe aos campistas a tarefa de propagar o desporto entre as suas mães, esposas ou irmãs, levando-as para o campo. A era do «*espartilho*» vai longe — e a mulher necessita tanto de ar livre e exercícios físicos como o homem.

Grupo Excursionista Estrela

Este agrupamento organiza nos dias 12 e 13 de Abril o seu primeiro acampamento da época 1947/1948, para o que nos convidou, com outros grupos, a participar.

Também recebemos uma carta informando ter a sua Assembleia Geral votado uma moção de agradecimento à Imprensa pela publicidade concedida.

Pela pequena parte que nos possa caber, agradecemos.

Federação Portuguesa de Campismo

Na Direcção Geral dos Desportos tomaram posse os novos membros da Comissão Administrativa da F. P. C., constituída pelos seguintes senhores: Carlos Freire: Francisco Amado, Fernando Pereira, José Patrício Reis e Artur Varela Pereira.

Pelo Estrangeiro

França — «O Camping Club International de France» que tem trabalhado intensamente para o estreitamento das relações entre os jovens de todo o mundo, acaba de participar nos acampamentos internacionais organizados pela Suíça, Bélgica e Holanda.

Outros clubes, como o «Camping Club de France» ou o «Touring de France», vêm organizando grandes jornadas de propaganda entre a mocidade francesa.

Holanda — Realizar-se-á neste país, em 1948, o próximo congresso mundial de Campismo. Com vista a esta importante reunião, os campistas holandeses organizaram recentemente uma exposição de inovações no material campista.

Também na **Inglaterra** se regista uma grande expansão no desporto do Ar Livre, de que é principal obreiro o «Camping Club Great-Britain of Ireland».

C. FERNANDO GARCIA

Serviços Centrais

Serviço de Material e Uniformes

Tomou a seu cargo a orientação do S. M. U. o nosso amigo e colega de redacção Sr. Ernesto Clímaco do Nascimento, que está deligenciando reorganizar estes serviços de maneira a torná-los eficientes.

O S. M. U. está aberto todas as quartas-feiras das 21 1/2 às 23 horas.

DO ÁLBUM DE UM VELHO LOBO

V

Passeio à «Vila Lolita»

Para quem se entretem a evocar reminiscências sobre as quais o tempo quer já deixar o seu cunho de olvido, recordadas muitas vezes por efeito do forte estímulo da memória que é o ambiente, agrada misturar bocados do presente ao estendal do que vai um pouco longe, por se ficar com a impressão de que os bons momentos não desapareceram ainda totalmente.

Uma das mais interessantes manifestações de actividade escoteira levadas a efeito na última época campista, foi o passeio realizado pelo 60 e D. A. F. à «Vila Lolita», propriedade de uma grande camarada «dafista» sita nos arredores de Vila Nova de Cacela.

É que raras vezes terá sido tão bem aproveitado um Domingo no campo, e no campo em toda a acepção da palavra, com o conjunto ocasionalmente útil, por vezes, das pequenas coisas executadas. Foi, resumindo-se, um magnífico passeio.

* * *

Friorento, mesmo no verão, e cheirando muito a noite, apesar das proximidades do dia, efeitos de um erguer de antes da hora para quem ia ocupá-lo, o matutino e pachorrento comboio das 5,45 horas, saiu nesse dia meio minuto mais cedo. Em viagem curta, de dez quilómetros apenas, transportava cerca de duas dúzias de raparigas e rapazes, envergando distintivos e uniformes da nossa A. E. P., todos na disposição de nesse dia evidenciarem ao máximo as regras da sétima lei.

O comboio chegou, seguiu destino, e o pessoal iniciou a marcha, agora pedestre, a caminho do alvo do dia, a «Vila Lolita» de boas recordações. Alcançou-se o alvo após quase uma hora de marcha e procedeu-se em seguida ao alijamento da carga transportada, composta das refeições da tarde, livros e pouca bagagem campista. Depois iniciou-se o «reconhecimento» da vila e imediações.

«Reconheceu-se» o sabor dos frutos de de várias árvores próximas — com autorização superior, claro está — o pitoresco do sítio, a afabilidade dos caseiros, as óptimas sombras da casa, providas de não menos óptimas cadeiras de encosto ou balanço, reconheceu-se também que o programa, prèviamente estabelecido, não era mau, e todos se dispuseram a dar-lhe cumprimento, embora um pouco tardiamente por efeitos tornados crónicos.

Escutaram-se palestras, mais ou menos instrutivas, mais ou menos aborrecidas, entoaram-se canções sabidas, e outras ditadas pelo encanto e comunicabilidade do meio leram-se bons trechos e passeou-se. O passeio, secundário dentro do próprio passeio em que nos encontrávamos, a abranger o dia, foi um dos agradáveis bocados de todo um dia agradável. Ouviram-se sinceras opiniões de elementos integrados no Grupo e outros semi-estranhos, mais valiosas estas últimas pelo conteúdo e imparcialidade, e estudaram-se ciências naturais, morais, etc. Se tentássemos descrever o dia «tim-tim por tim-tim», como é uso dizer-se, teríamos nova série de crónicas, iguais em extensão às da ida a Lisboa ao acampamento dos Centenários.

Com o que ficou escrito será espevitada a memória dos que foram, e os que não chegaram a ir, ficarão com uma ideia pálida da graça do passeio.

Boa e construtiva troca de impressões, esplêndida camaradagem, e eis descrito a traços largos, um dos nossos melhores domingos de escoteiro.

LOBO DO ALGARVE